

Dirigentes sindicais discutem política salarial

Com base nas discussões em torno do novo plano econômico do Governo Colôr e, principalmente, da Medida Provisória 295, da

questão salarial, em debate esta semana no Congresso, a Folha ouviu a opinião de dois campo-largenses diretamente interes-

sados nos resultados desta votação. José Maria Benedito de Arruda Botelho, presidente do Sindicato das Indústrias de Vidros, Cris-

tal, Cerâmica de Louça e Porcelana no Estado do Paraná; e Carlos Taner, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria

para Construção de Pisos, Azulejos, Refratários e Similares de Campo Largo. Eles esclarecem posições empresariais e de trabalhadores diante da polémica medida provisória, em pauta no Congresso.

Taner prega união entre diversos agentes sociais



Carlos Taner: "Congelamento é último recurso do governo".

Folha — Qual a sua opinião a respeito da MP 295?
Taner — Não foi uma idéia má, só que apareceu num momento péssimo, revelando que esta medida foi, mais uma vez, uma válvula de escape encontrada pelo governo, já que ele já não tinha mais outra solução. Futuramente, quem vai avaliar os resultados serão os próprios segmentos da sociedade. Mas para isso devemos verificar que estes devem estar unidos.

Folha — Deve haver uma união entre empregador e empregado?

Taner — Quando eu digo "unidos", refiro-me a uma união de pensamentos, porque nunca vai haver uma união entre empregador e empregado. Nós sempre teremos que protestar contra o empregador e ele, sendo aquele que nos desconta, nos paga, deve reclamar porque é ele quem recolhe os tributos. Quando o empresário percebe que os impostos e muitos tributos e juros estão altos, cabe a ele procurar uma união, pois é ele o dono da força.

Folha — A classe trabalhadora não possui esta força?

Taner — Nós temos somente a força da união, porque somos a maioria. Por uma questão de ética, quando conseguimos a maioria, lutamos por nossos direitos. Mas quando há uma recessão, desemprego, como vamos lutar? Se há um salário baixo com recessão, não temos força de lutar por nossos direitos com livre negociação. Negociar o quê, nestes termos?

Folha — Você acredita neste congelamento proposto pelo governo?

Taner — O governo não tinha outra alternativa a não ser um congelamento de salários e preços em alta, acima da média, conforme o tabelamento, como todos viram. Mas o que se coloca como válvula de escape maior foi o preço do combustível, que não poderia ser alterado, já que o preço do petróleo baixou. O congelamento não se deu como solução, mas sim como último recurso do governo.

Folha — E quanto ao salário mínimo?

Taner — O salário, com certeza, vai ser reduzido de vinte e cinco mil — o máximo desde maio do ano passado, afirmando não ter forças para continuar mantendo este sistema e mantendo a recomposição salarial. Fizemos redução de jornada, de salários, tudo que achavam ter direito, ou então fechariam suas portas. Como é que hoje as empresas estão recompondo e não fechando suas portas?

Folha — As demissões foram sem fundamento, então?

Taner — O enxugamento e as demissões existem todo ano, independente dos planos do governo, em qualquer empresa. Mas todo o trabalhador campo-largense sabe quais são as empresas que fazem demissões todos os anos, com greve ou sem greve. Quando o empregador tem oportunidade de enfraquecer o trabalhador, ele briga contra os sindicatos dos empregados. Agora, o dia em que o empresário compreender que o sindicato é também uma arma para o próprio empregador lutar contra a má administração do governo, vai haver uma união. Uma união social, de pensamentos, porque tem suas necessidades básicas satisfeitas, produz mais. Não adianta o empregador fazer pressão para que haja maior produção com péssima qualidade. As vezes o empregador renova apenas o pessoal, sem renovar maquinário. Se o pessoal não tem preparação suficiente, isto resulta em prejuízo para a empresa. Produtividade não significa, necessariamente, qualidade.

Folha — E a unificação das datas-bases?

Taner — Os sindicatos estavam há muito tempo reivindicando uma unificação de datas-bases. Agora, veja o problema que o governo criou: colocando que a média seria vinte e cinco mil, temos empresas como a INCEPA que, em janeiro, deu cinquenta e sete mil e vinha dentro de uma média com esta quantia, está dentro vinte mil para recompor, dentro da medida provisória, não dentro das perdas salariais que estão em mais de 100%. Se nós compararmos que há dois anos um salário seria na faixa de três mínimos, hoje não está atingindo um, um e meio e não há poder aquisitivo para isso. O salário mínimo está muito aquém do que o estabelecido na Constituição. Na Constituição de 1946, um salário mínimo serviria para atender às necessidades básicas do trabalhador — saúde, educação, transporte e boa alimentação. Hoje, não se consegue nem alimentação, quanto mais aluguel, água, energia elétrica e todas as outras despesas inerentes a uma família. Contudo, agora existe a obrigação de se cumprir a recomposição salarial. Então, a partir de agora há um alicerce para iniciar uma caminhada, porque, ao menos, está equiparada dentro de um mínimo de recomposição.

Botelho defende troca de toda a equipe econômica



José Maria Botelho: "Sociedade continua não participativa".

Folha — Como o senhor analisa a questão do salário mínimo, colocado em discussão no Congresso, esta semana?

Botelho — Com respeito à medida provisória, discutida no Congresso entre os políticos e, naturalmente, as partes interessadas que são os sindicalistas e as centrais de trabalhadores — numa posição pressionadora, o que eu considero viável —, e praticamente a omissão do setor empresarial, somada a uma política francamente recessiva estabelecida pelo governo, eu tenho a certeza de que nós vamos ter um salário provisório.

Folha — O salário pode não ser definitivo?

Botelho — No Brasil, infelizmente, nós temos uma sociedade que não se preocupa com o definitivo, quer apenas soluções paliativas. O salário será uma delas, porque não vai atender às necessidades do trabalhador. Se for estabelecido em níveis altos, irá, sem sombra de dúvidas, servir como um indexador, mesmo

Folha — É isto que está acontecendo no Brasil?

Botelho — É. E nós, apesar disso, temos esperanças, somos otimistas, mesmo quando todas as empresas de um modo geral passam por grandes dificuldades e, consequentemente, os trabalhadores

também. Ninguém cria uma empresa para no dia seguinte, demitir seus empregados.

Folha — Em situações de greve, então, as demissões são inevitáveis?

Botelho — Devemos analisar que, se nós não tivermos nossas empresas razoavelmente equacionadas nesse período, elas deixarão de existir em seis meses. Então as demissões são consequência desse equacionamento, o que para nós é doloroso, porque ninguém cria uma empresa para ficar demitindo a mão-de-obra que, muitas vezes, demorou anos para ser formada. Hoje, a mão-de-obra não é remunerada no seu real valor e ainda está, pela política recessiva, à mercê de demissões. Essa é a realidade brasileira.

Folha — Desse modo, qual seria a solução?

Botelho — Eu só vejo uma maneira de mudar esta situação: seria mudar a equipe econômica do governo, porque ela vende em todos os seus apóstrofes da área econômica a recessão. Como pode, um país que coloca mais de um milhão de pessoas por ano no mercado de trabalho, empregar um esquema recessivo? É a mesma coisa que colocar um carro para subir um morro e, na tentativa, engatar a marcha ré.

Folha — É possível o congelamento?

Botelho — A sociedade brasileira continua não participativa e o governo não muito sério quando faz as coisas. Tivemos uma alta na energia elétrica, correios e Telégrafos, combustíveis, e aí os preços foram congelados no dia 30 de janeiro. Então como é que podemos absorver todos estes reajustes e ainda mais um reajuste salarial, o qual ninguém perguntou se tínhamos ou não condições de pagar. Por que é que o governo não fez um reajuste equitativo para os seus funcionários? É muito fácil dizer: pague "X" por cento de aumento para os seus funcionários, para os meus eu não vou pagar nada. É assim, a sociedade aceita e fica quieta.

Grupo Escoteiro elege comissão

Em reunião realizada no último dia 15, nas dependências da Fundação João XXIII (Rua Desembargador Clotário Portugal, 842), foi eleita, para mandato de um ano, a Comissão Executiva do Grupo Escoteiro de Campo Largo, assim constituída: diretor-presidente — João Gonçalves Martins Neto, vice-presidente — Nilda Lia Amaral de Galarza, diretor administrativo — Vanderlei Viante, diretor financeiro — Rubens Gritten Ribeiro, Conselho Fiscal — Heitor Jefferson Schade (presidente), Orias José de Souza e Eva Jaszczerski.

Prefeitura executa pavimentação na rua Marechal Deodoro e Jardim Social

A Prefeitura está promovendo com recursos próprios, sob administração direta da Empresa Municipal de Urbanização de Campo Largo (Emur), pavimentação em asfalto da Rua Marechal Deodoro, trecho entre as ruas João Batista Valões e Barão do Rio Branco, no centro da cidade; e obras de terraplenagem e execução de base para implantação de pavimento com brita, emulsão e pedrisco na Rua A, a principal do Jardim Social, trecho entre as ruas Ademear de Barros e nº 2 do loteamento Helvídia.



Os trabalhos de terraplenagem antecipam implantação de pavimento no Jardim Social.

Orçados em Cr\$ 15 milhões 980 mil, os serviços de recapeamento asfáltico da Rua Marechal Deodoro, iniciados quarta-feira (27), vão beneficiar área de 7.650 metros quadrados, devendo ficar prontos em dez dias ou menos, caso não ocorram transtornos, a exemplo de chuvas. No Jardim Social, orçados em Cr\$ 3 milhões 350 mil, os trabalhos vão beneficiar área de 6.200 metros quadrados, facilitando o acesso ao bairro, eliminando a poeira e a lama, dois problemas que vêm afligindo a população local em períodos de estiagem e chuvas intensas.

SEM ÔNUS
Segundo o prefeito Afonso Portugal Guimarães, trata-se de um trabalho bom, que vai melhorar bastante a vida de muitas pessoas do município. "Estamos iniciando um programa de pavimentação, com alternativa de baixo custo, uma vez que não existe em vigor, no momento, programa de apoio aos municípios para esse tipo de serviço. Pelo alto custo, se o município for fazer pavimentação em pré-misturado a frio, asfalto quente ou mesmo em paralelepípedo, sacrificará demasiadamente a população, obrigando-a à contribuição de melhoria, quando sabemos que ela não tem condição. A pavimentação de baixo custo, em pedra irregular ou antipó, será feita sem ônus para a população".

De acordo com o prefeito não é só Campo Largo que está nessa situação, mas sim todos os municípios paranaenses. "Estão com programas prontos, mas sem possibilidades de licitar o início de obras via PEDU. Mas de qualquer forma, embora não seja um plano tão bom como o PRAM, o do Cura, é um plano razoável, que vai permitir a realização de alguma coisa com apoio financeiro externo", concluiu.

Conselho orienta sobre segurança

O Conselho Comunitário de Segurança de Campo Largo, por entender que a criminalidade, apesar de ainda registrar índices alarmantes, pode ser contida pela ação eficaz da polícia, com a ajuda da população, recomenda à comunidade as seguintes providências:
Evite transportar ou ter em casa grandes valores.
Mesmo estando em casa, tranque bem portas e janelas. Quando viajar, avise os vizinhos.
Troque fechaduras no caso de perda de chaves.
Procure saber o telefone de seu vizinho, para, em caso de emergência, fazer comunicações.
Não admita empregados sem credenciais, sejam domésticas, pintores, jardineiros...

TV COM DEFEITO?

- | | |
|------------|--------------|
| TELEFUNKEN | SANYO |
| SHARP | PHILIPS |
| MITSUBISHI | SEMP TOSHIBA |
| NATIONAL | PHILCO |

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

BUSCA e ENTREGA Eletrônica **miquel**
ORÇAMENTO GRATIS
TEL: (041) 292 4499
Rua XV de Novembro, 3139 (a 100 m da Creche Marinha) CAMPO LARGO-PR

CINE JÓIA



UMA LINDA MULHER
Hoje, 20h30min
Dias 2, 3 e 4 às 20h30min.
O REIDOS KICKBOXERS
Dias 7, 8, 9, às 20h30min
Dia 10, seção às 15 e 20h30min

CELLI MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

A sua melhor opção em materiais de construção e acabamento em Campo Largo.
Faça a melhor aplicação do momento.
Invista em sua construção.
RODOVIA DO CAFÉ, KM 23, Nº 2946
FONES 292-1874 E 292-1834

LEUCZ

A CONFIABILIDADE DA SUA CONSTRUÇÃO COMEÇA AQUI

Desafiamos qualquer preço.
Tele vendas 292-1556
Confiança
Seriedade
Melhor atendimento
Preço mais baixo
Entrega mais rápida
Aproveite você também estas vantagens!

RODOVIA DO CAFÉ, KM 22 - Nº 2500
FONE 292-1556

PANORAMA

Eleto Comercial Ltda
Material elétrico, industrial, comercial, alta e baixa tensão.
Os melhores preços em:
Fios e cabos, luminárias, chaves e polias para motores, fusíveis diazed, NH e cartuchos, entradas de luz, comando industrial e antenas para TV. Técnicos e instaladores à sua disposição.
Entrega imediata.
RUA OSVALDO CRUZ, 1193
FONES: 292-2927 E 392-1983

MEU CANTINHO

Brinquedos, presentes
Armarinhos e Bijouterias
Mamãe as aulas voltaram, mas não esqueça que a blusa escolar não estava na listinha... por isso MEU CANTINHO facilita.
20% DE DESCONTO, até 15/03 em qualquer novelo de lá
Rua XV de Novembro, 2790
Fone: 292-3696
MUNICIPAL DE CAMPO LARGO - PR

FAÇA O SEU SORVETE

MERCADO CHEMIN

Rua XV de Novembro, 2112 e Domingos Cordeiro, 1468